

A CRÔNICA DE CLARICE LISPECTOR EM DIÁLOGO COM SUA OBRA LITERÁRIA

Nícea Nogueira(CES/JF)

RESUMO

Clarice Lispector publicou crônicas no Jornal do Brasil de agosto de 1967 a dezembro de 1973. A maior parte dessas crônicas foi reunida, postumamente, nos livros **A descoberta do mundo** (1984) e **Aprendendo a viver** (2004). A leitura desses textos jornalísticos e dos livros, publicados por ela no mesmo período em que escrevia para o JB, sugere que as crônicas tenham inspirado a autora na composição de várias de suas produções literárias. Percebe-se o diálogo textual entre as crônicas e a obra da autora. Este estudo investiga os aspectos específicos que configuram a complexidade do texto, na tênue transição do jornal para o livro, e observa a liberdade criadora da cronista na construção de sua escritura. Sempre com o olhar voltado para a relação do texto com o contexto, a análise das crônicas possibilita a pesquisa do estilo, dos temas predominantes, das questões existenciais e sociais próprias da condição feminina que são, constantemente, levantadas por Clarice, além da metalinguagem – um diálogo aberto e sincero entre a autora e o leitor sobre o ato de escrever crônicas – e do papel do ambiente urbano como espaço privilegiado nesse tipo de escrita.

Palavras-chave: Crônica; Clarice Lispector; Condição Feminina; Metalinguagem.

ABSTRACT

Clarice Lispector published chronicles on the newspaper Jornal do Brasil from August 1967 to December 1973. Most of them were gathered together posthumously in the books **A descoberta do mundo** (1984) and **Aprendendo a viver** (2004). The reading of those journalistic texts and the books which she published during the same period she wrote to JB suggests that the chronicles might have inspired the author for composing several of her literary pieces. One perceives the textual dialogue between the chronicles and the writer's work. This study investigates specific aspects that show the complexity of the text



in the subtle transition from the newspaper to the book, and it observes the creative freedom of the chronist while constructing her writing. Always looking at the relationship between text and context, the analysis of the chronicles allows researching her style, main themes, existential and social issues related to feminine condition which are constantly raised by Lispector, and metalanguage – an open and sincere dialogue between Lispector and the reader about the act of writing chronicles – and the role of urban environment as privileged space in that type of writing.

Keywords: Chronicle; Clarice Lispector; Feminine Condition; Meta-language.

* * *

No período em que manteve sua coluna semanal de crônicas no **Jornal do Brasil**, Clarice Lispector contribuiu para a valorização do gênero e passou a desempenhar a função de cronista com regularidade. Nesse período, produziu, concomitantemente, os seguintes livros: o romance **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres** e a história infantil **A mulher que matou os peixes**, ambos publicados em 1969; **A vida íntima de Laura** (também história infantil), escrito em 1971 e só editado em 1974; o livro de contos **Felicidade clandestina**, editado em 1971; o manuscrito “O objeto gritante”, escrito em 1972 e publicado, com diversos cortes, sob o título **Água viva**, em 1973.

Há um flagrante diálogo textual entre as crônicas e a obra da autora. Como exemplo inicial desse procedimento, toma-se o conto “Felicidade clandestina”, que deu título ao livro homônimo, publicado em 1971, cuja trama já havia aparecido como crônica, em 2 de setembro de 1967, sob o título “Tortura e glória” (LISPECTOR, 1999, p. 27-29)¹. Há, também, a crônica “Uma esperança”, publicada no *JB* em 10 de maio de 1969, que reapareceu, no mesmo livro de contos, sem nem ter seu título alterado (DM, p. 192-193).

Sempre inserida nas tendências do seu momento histórico, na maioria das crônicas, Clarice narra os episódios de seu cotidiano em primeira pessoa e assume, diversas vezes, um tom confessional. Como relata na crônica “Vietcong” (25 abr.

¹LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. A partir desta citação, esta obra será indicada pela abreviação DM, seguida pelo número da página.



1970), um de seus filhos perguntou-lhe por que escrevia sobre assuntos pessoais: “Já falei com um cronista célebre a este respeito, me queixando eu mesma de estar sendo muito pessoal, quando em onze livros publicados não entrei como personagem. Ele me disse que na crônica não havia escapatória” (DM, p. 284).

Não é, entretanto, objetivo deste estudo delimitar as fronteiras do ficcional e do autobiográfico nas crônicas. O que se intenciona fazer, aqui, é a análise interpretativa de aspectos específicos que configuram a complexidade do texto, além de observar a liberdade criadora da cronista na construção de sua escritura. Sempre com o olhar voltado para a relação do texto com o contexto, o estudo das crônicas possibilita a pesquisa do estilo, dos temas predominantes, das questões existenciais e sociais próprias da condição feminina que são, constantemente, levantadas por Clarice, além da metalinguagem – que permite um diálogo aberto e sincero entre a autora e o leitor sobre o ato de escrever crônicas – e do papel do ambiente urbano como espaço privilegiado nesse tipo de escrita.

Vários escritores da Literatura Brasileira dedicaram-se, a par de sua obra ficcional, à elaboração de crônicas diárias ou semanais, como é o caso de Machado de Assis, Lima Barreto, João do Rio, Mário de Andrade, Adonias Filho, Fernando Sabino, entre outros (CANDIDO, 1992). Observa-se que a grande maioria de estudos sobre a crônica dedica-se a autores masculinos, omitindo nomes como Raquel de Queiroz, Cecília Meireles e Clarice Lispector, embora muitas mulheres, desde o século XIX, se tenham dedicado ao gênero, como Nísia Floresta (1810-1885). Considerada a primeira voz feminista no Brasil, Nísia escrevia textos para a imprensa nacional e internacional na primeira metade do século XIX (COELHO, 2002, p. 517-519) e que, hoje, vem sendo objeto de estudo, inclusive de dissertações e teses acadêmicas.

O resgate de todas as crônicas de Clarice no *JB*

A pesquisa mais extensa e valiosa para o estudo das crônicas de Clarice Lispector, que o mundo acadêmico tem notícia até os dias atuais, é a dissertação de mestrado da Professora Célia Regina Ranzolin, intitulada *Clarice Lispector cronista: no Jornal do Brasil* (1967-1973), realizada na



²Para a divulgação desse trabalho, a pesquisadora concedeu autorização para a menção dos dados coletados.

Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Professor Dr. Raúl Antelo, em 1985². Com o objetivo inicial de resgatar a produção integral da autora para o Caderno B do **Jornal do Brasil**, sem a intenção de realizar uma análise interpretativa desses textos, Ranzolin recolheu todas as 329 crônicas que estavam, até então, esquecida em jornais amarelados e ao acesso de poucos pesquisadores. A coluna das crônicas de Clarice não foi publicada em apenas três sábados no período entre 19 de agosto de 1967 e 29 de dezembro de 1973.

A pesquisa foi feita na Biblioteca Nacional, no período de março e abril de 1984. No final do mesmo ano, o filho mais novo de Clarice, Paulo Gurgel Valente, publicou a coletânea **A descoberta do mundo**, que obrigou Célia Ranzolin a dar novos rumos a sua pesquisa. Esta perdeu o caráter de resgate das crônicas dispersas no jornal. De posse do fichamento descritivo de todas as crônicas, Ranzolin constatou a ausência de um significativo número de crônicas no livro. A coluna de crônicas de Clarice Lispector era composta por módulos e, em **A descoberta do mundo**, foram omitidos 120 desses módulos, cerca de 36% do total publicado. Essa omissão dificulta o conhecimento da contribuição jornalística da escritora, apesar de, na introdução do livro, Paulo Gurgel prometer ao leitor “uma visão geral” das crônicas de sua mãe e que “foram subtraídas apenas as anotações que nos pareceram muito circunstanciais”.

A pesquisa passou então para o confronto entre os textos publicados no livro e aqueles que são encontrados apenas no *JB*. Ranzolin constatou que esses textos ditos circunstanciais, em sua maioria, tratam de artistas e obras, as quais Clarice registrava e avaliava, assumindo, vez por outra, o papel de crítica literária e plástica. A pesquisadora transcreve na íntegra, em sua dissertação, os textos que foram omitidos pelo editor, aplicando na transcrição uma metodologia que facilita a leitura e organiza o confronto para verificar alterações e ausências.

A crônica de Clarice Lispector

A reunião das crônicas de Clarice Lispector permite ao leitor entrever uma escritora ciente das características da crônica: a brevidade, a subjetividade, o diálogo com o leitor,



podendo o autor desenvolver o monólogo ao fazer sua auto-reflexão e suas observações (MOISÉS, 1979, p. 257). Quando publicada em livro, a crônica perde seu caráter de efemeridade, porque os textos que envelheceram devido à sua excessiva circunstancialidade não entram na seleção (SÁ, 1997, p. 39). Consciente do desafio de produzir esse tipo de texto, Clarice confessa:

Outra coisa notei: basta eu saber que estou escrevendo para jornal, isto é, para algo aberto facilmente por todo o mundo, e não para um livro, que só é aberto por quem realmente quer, para que, sem mesmo sentir, o modo de escrever se transforme. Não é que me desagrade mudar, pelo contrário. Mas queria que fossem mudanças mais profundas e interiores que então viessem a se refletir no escrever. Mas mudar só porque isto é uma coluna ou uma crônica? Ser mais leve só porque o leitor assim o quer? Divertir? fazer passar uns minutos de leitura? E outra coisa: nos meus livros quero profundamente a comunicação profunda comigo e com o leitor. Aqui no jornal apenas falo com o leitor e agrada-me que ele fique agradado (DM, p. 113) [grifo da autora].

A declaração acima provoca os seguintes questionamentos que a tornam suspeita em sua veracidade: será que Clarice Lispector conseguiu realmente manter sempre essa diferença, no seu modo de escrever, tão distinta quando mudava do texto da crônica, a ser publicado no jornal, para o texto que viria a publicar em livro, já que visualizava um outro tipo de leitor? Será que se satisfazia em apenas agradá-lo nas crônicas, sem conduzi-lo a reflexões mais interiores e complexas? Por que, então, utilizou textos de crônicas na íntegra para compor seu livro de contos *Felicidade clandestina*, editado enquanto trabalhava no *JB*? Percebe-se que essas são perguntas que só podem ser respondidas após rigorosa análise literária de seu texto jornalístico, análise essa que aqui enfoca a representação da condição feminina, a metalinguagem e o ambiente urbano como espaço de excelência da crônica.

Cotejo de textos

Na seleção das crônicas publicadas, posteriormente, como contos, trechos de romances e de livros infantis da autora, concluímos que Clarice Lispector utilizou:

– trechos do romance **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**, de 1967 até o início de 1969 nas crônicas do



Jornal do Brasil, antes de sua publicação na forma de livro em 1969.

– contos do livro *Felicidade clandestina* (1971), nas crônicas do **Jornal do Brasil** de 1967 a 1973, ou seja, antes e depois da publicação do livro e por todo o tempo em que permaneceu como cronista do JB. O ano em que ela mais utilizou desses contos foi 1969, dois anos antes do lançamento do livro. Donde podemos concluir que, para Clarice, conto e crônica podiam ser compostos pelo mesmo texto.

– Ainda desse livro composto por 24 contos, apenas três contos não foram publicados em **A descoberta do mundo**. Resta-nos ainda conferir essa ausência no total das crônicas publicadas no JB.

– Das crônicas publicadas no JB e que posteriormente compuseram o livro **A descoberta do mundo**, apenas duas crônicas de 1968 foram repetidas no mesmo periódico em 1973.

Constatamos, ainda, que não há trechos do romance **Água viva** nas crônicas de **A descoberta do mundo**, o que contrariou nossas expectativas para a análise desse romance.

A condição feminina

Apesar da polêmica sobre a existência ou não de especificidades que diferenciasssem a literatura de autoria feminina, pode-se considerar que, em grande número de exemplos, a mulher escritora privilegia a exploração do seu cotidiano no tempo, no espaço e na sociedade a que pertence. A crônica jornalística também privilegia as experiências do dia-a-dia de seu autor. Neste ponto de convergência, inicia-se uma interação fértil para os temas a serem desenvolvidos aqui, sendo a crônica da autoria de uma mulher.

Clarice descreve em suas crônicas no **Jornal do Brasil** o papel que a mulher desempenhava na sociedade de sua época. Conhecer e desvendar seus mistérios permitia vislumbrar as particularidades femininas. Dentro da variedade de temas abordados nas crônicas, percebe-se que Clarice se importa em relatar o sentimento das mulheres em relação à opressão exercida sobre elas pela sociedade e ainda seu sentimento enquanto ser humano digno de liberdade.

Como afirma a pesquisadora Lucia Helena, referindo-



se aos romances e contos, a personagem feminina clariceana está “quase sempre retida num espaço de ruminação interior, a remoer uma vida vazia, nas estreitas dimensões de um quarto ou de uma casa” (2006, p. 45). Já nas crônicas, as mulheres transitam com mais mobilidade e liberdade por espaços públicos e tornam-se senhoras de sua condição em todas as classes sociais.

Clarice relata o mal estar das mulheres que insistem em demonstrar ser o que não são em “Crônica social” (3 maio 1969, DM, p. 189-192). Trata-se de um almoço de senhoras. Tudo caminhava bem, porém, a autora denuncia entre as convidadas “uma naturalidade fingida”, comum às mulheres que a todo custo desejam apresentar uma aparência diversa de sua realidade, comportamento que causa insegurança e constrangimento no momento em que algo sai de seu controle. Eis aí uma crítica velada sobre o comportamento pouco natural das mulheres em sociedade.

Em “As caridades odiosas” (6 dez. 1969, DM, p. 249-251), uma mulher de classe média caridosa tenta ajudar uma mãe de poucos recursos a pagar o aluguel atrasado. Elas se encontram em um ônibus e a caridade acaba por encabular as duas que terminam a jornada sem se falarem mais.

Ao escrever sobre as empregadas domésticas, percebe-se que a cronista mantém um relacionamento cordial e até mesmo afetivo com elas. Todavia, Clarice demonstra sentir-se culpada pela condição dessas mulheres, pois, ao empregá-las, sentia-se uma exploradora do trabalho feminino. Esse sentimento fica explícito na crônica “Por detrás da devoção” (2 dez. 1967, DM, p. 49-51).

Em “Dos palavrões no teatro” (7 out. 1967), a autora elogia o desempenho de Fernanda Montenegro na peça “A volta ao lar” (1967). Para ela, ser atriz é um indício de que se é livre, independente e competente. Por diversas vezes, reafirma seu encanto pela revolução feminina.

Na crônica “A italiana” (4 abr. 1970, DM, p. 280-282), fica claro que, mesmo sem a opressão paterna ou do marido, torna-se difícil para a mulher tomar decisões e trilhar novos caminhos, uma vez que ela não havia sido preparada para isso. A mensagem cultural imposta às mulheres ainda era aquela de ficar circunscrita ao espaço doméstico. Rosa, a italiana, uma órfã

criada em convento, resolve sair da reclusão e ingressar no mundo do trabalho. Sem estrutura para tomar conta de sua própria vida, ingressa em casa de família e trabalha como uma escrava, ratificando o papel da mulher imposto pela sociedade patriarcal.

Percebe-se, ainda que sutilmente, embutido nas crônicas, o tradicional espírito feminino, qual seja, o papel de mãe, dona de casa e esposa. Várias são as crônicas em que a autora aborda sua relação com os filhos e a importância de ser mãe, porém livre.

Metalinguagem

Para Clarice Lispector, escrever é ser capaz de representar uma realidade mais sutil, mais complexa. Ela transpõe em sua escrita a realidade interior do ser humano, desvendando seus segredos mais íntimos, seus desejos reprimidos e seus pensamentos escusos, penetrando, normalmente pelo fluxo de consciência, na intimidade mais profunda. Para executar esse percurso em direção aos pontos mais íntimos da alma humana, ela utiliza de uma linguagem própria e bastante peculiar.

Percebe-se que nas crônicas “Exercício”, “Ainda impossível”, “Estilo”, “Escrever para jornal e escrever livro”, “Preguiça”, “Romance” e “Escrever”, do período de 1972, a metalinguagem é uma forma de escrita que se faz muito presente. É o exercício que faz a escritora debruçar-se sobre o próprio texto, permitindo-lhe discorrer sobre os encantos e perigos do escrever uma crônica.

A escritora afirma que a crônica constitui-se num texto leve, destinado a vários leitores. Em “Escrever para jornal e escrever livro” (29 jul. 1972), Clarice cita Hemingway e Camus, que, não obstante fossem bons jornalistas, não permitiram interferência desse fato em suas literaturas, ou seja, ela tinha um medo: “escrever muito e sempre pode corromper a palavra. Seria para ela mais protetor vender ou fabricar sapatos: a palavra ficaria intacta. Pena que não sei fazer sapatos” (DM, p. 421).

A escritora ainda destaca a importância do leitor como um ponto fundamental para o ato de escrever: “num jornal nunca se pode esquecer o leitor, ao passo que no livro fala-se

com maior liberdade, sem compromisso imediato com ninguém. Ou mesmo sem compromisso nenhum” (DM, p. 421). Havia para ela uma grande diferença entre a crônica e o romance. Segundo Clarice, no romance não precisava ter essa preocupação com o leitor, escrevia quase que para si mesma.

Observando que ela escreveu “Era uma vez um pássaro, meu Deus” na crônica “Ainda impossível” (19 fev. 1972, DM, p. 406), pode-se deduzir que o pássaro é a liberdade, no caso, da escrita. A tradição da ficção demonstra que os textos seguem normas, mas não no caso da escritora, que sempre se mostrou subjetiva e individual na escritura, marcando seu texto com inovações na Literatura Brasileira. E por isso, justamente, transformando-a num símbolo de grande escritora.

A crônica “Estilo” reflete muito bem a marca de Clarice: “– Que é isso que você está escrevendo? / – Estou batendo à máquina um requerimento. / – Deixa eu ler. Foi você mesma que escreveu? “A abaixo-assinada vem requerer a V. Sa...” Puxa, você nunca escreveu tão grã-fino!” (22 abr. 1972, DM, p. 414).

Sua forma de escrever era única e pessoal. Percebe-se que, pela metalinguagem, investigam-se elementos de uma meta língua no sentido em que, falando o código que os sustenta, insiste também na descrição desse código. Em “Romance” (11 nov. 1972), vê-se que a escrita deve ser algo atraente, mesmo que só para quem escreveu: “Para ler, é claro, prefiro o atraente, me poupa mais, me arrasta mais, me delimita e me contorna. Para escrever, porém, tenho que prescindir. A experiência vale a pena – mesmo que seja apenas para quem escreveu” (DM, p. 433).

Clarice afirma que o texto deve nascer de dentro, do íntimo, não de uma elaboração, do trabalho árduo. As palavras devem nascer da profunda sensação e emoção de ser escritor. Sendo assim, em “Escrever” (18 nov. 1972), afirma que “Não se faz uma frase. A frase nasce” (DM, p. 433) [grifo da autora], talvez parodiando Simone de Beauvoir na sua máxima “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

O sentimento de ser escritora também pode ser percebido na crônica “Preguiça” (21 out. 1972): “Fui não sei para que para a Faculdade de Letras. Não quis visitar a biblioteca. Não sou culta. A freira que me atendeu não sabia de



nada. Tinha uma aula de História da Arte. [...] Tenho vergonha de ser escritora – não dá pé. Parece demais com coisa mental e não intuitiva” (DM, p. 431).

Ainda que afirme que tenha vergonha de ser escritora, na crônica “Um degrau acima: o silêncio” (22 abr. 1972) relata, ou melhor, desabafa, que não conseguiria viver sem escrever, como tantas outras pessoas conseguem-no: “Até hoje eu por assim dizer não sabia que se pode não escrever. Gradualmente, gradualmente até que de repente a descoberta tímida: quem sabe, também eu já poderia não escrever. Como é infinitamente mais ambicioso. É quase inalcançável” (DM, p. 414). Ainda bem que isto era inalcançável para Clarice. Do contrário, os leitores ficariam privados da beleza de sua escrita, da profundidade de seus textos, até dos publicados como crônicas.

Ambiente urbano

É a consciência do artista com o seu modo de existência o responsável pela cenografia espiritual de sua época. Um exemplo disso é a crônica, “Uma coisa” (9 dez. 1967, DM, p. 51), em que a cronista Clarice Lispector descreve o seu espaço: a cronista olhando para tudo no meio da cidade, para o outro totalmente insondável, escondido, pisca a paisagem inebriante e já banalizada.

Podemos, metaforicamente, afirmar que o conjunto de crônicas produzidas por Clarice Lispector é como uma casa. Tem fachada, jardim, sala de visitas, quartos, dependência de empregada, cozinha e porão. O leitor que chega da rua é bem recebido, vai ficando à vontade e percebe a hospitalidade, que se traduz pura e simplesmente no respeito pela pessoa da visita e na satisfação de tê-la dentro do teto para a conversa que possa servir de ponte entre a casa e a rua.

A cronista, tanto dentro da casa, quanto na rua, desperta emoções, reações, leis, orações, músicas, imagens, pessoas. Na parte interna, espaço íntimo e privativo de uma pessoa, a autora apresenta uma sociedade variada, viva, totalizada. Engloba a rua na casa como se ela fosse uma grande família. A autora coloca-se como uma voz entre essa oposição da casa e da rua. Como um elo que permite unir os dois espaços e simultaneamente inventar o seu próprio. Percebe-se que a intenção intelectual é revelar a natureza humana de forma mais

profunda, mostrando ao leitor visitante secretos caminhos e singularidades de forma bem à vontade.

Se o Rio de Janeiro é espaço e assunto para muitas crônicas, já não se pode dizer o mesmo de “Nos primeiros começos de Brasília” (20 jun. 1970, DM, p. 292-295), em que Clarice a apresenta a sua visão sobre a nova capital do país artificial, erguida sobre o espanto dos arquitetos criada para representar um novo mistério, construções com espaços calculados para as nuvens e de grande silêncio visual.

A linguagem simbólica da cronista acaba tornando Brasília um espaço irreal, quase mítico, e o que diz dessa cidade poderia ser aplicado a qualquer outra, desde que a escritora assim o quisesse. Já o que a cronista diz do Rio, ainda que em linguagem poética ou usando de superlativos hiperbólicos, tem relação com o real. É possível reconhecer a Cidade Maravilhosa, que acabou tendo uma vida de personagem, não só em crônica, como nos demais gêneros literários (e mesmo em reportagens): o Rio existe enquanto cidade real, com suas belezas e suas mazelas, como o templo do samba, das praias, das mulheres bonitas e dos homens bem-sucedidos e/ou inteligentes, e autores de golpes geniais.

Considerações finais

Clarice imprime em suas crônicas algo mais que um simples recorte de um fato, mas um aprofundamento na essência de si mesma e, conseqüentemente, do ser humano. Aos poucos, seus textos semanais vão se tornando confissões existenciais, verdadeiras leituras da alma humana. E com isso, a autora vai deixando – ainda que sem vontade própria – sua intimidade, seus medos e anseios virem à tona. A intimidade de Clarice chega ao ponto de ela alertar: “Peço também que não leia tudo o que escrevo porque muitas vezes sou áspera e não quero que você receba minha aspereza” (“Um telefonema”, 4 fev. 1968, DM, p. 73).

O diferencial que Clarice tem em relação a outros cronistas faz com que o leitor se espelhe em suas palavras e se identifique com a escritora, que, de um ser diferenciado, dotado de uma inspiração divina, passa a ser alguém comum, com suas alegrias, medos e tristezas. Tanto que sempre os leitores lhe escreviam pedindo que ela continuasse a escrever



daquela forma, sem alterar nada: “E agora me telefonou para ser franca: que eu não escreva no jornal nada de crônicas ou coisa parecida. Que ela e muitos querem que eu seja eu própria, mesmo que remunerada para isso. Que muitos têm acesso a meus livros e que me querem como eu sou no jornal mesmo” (“Dies Irae”, 14 out. 1967, DM, p. 38). Com toda essa reciprocidade, Clarice ganha forças para continuar a fazer da escrita uma forma de revelação do seu mundo exterior e interior.

Ao elaborar suas crônicas para um jornal, Clarice poderia se desfazer do rigor literário utilizado em seus livros, na medida em que pretenderia ser ouvida por todos, do menos instruído ao mais intelectualizado, além de ser uma voz que desse representação à mulher brasileira do século XX.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. São Paulo: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)**. São Paulo: Escrituras, 2002.

HELENA, Lucia. **Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita em Clarice Lispector**. 2. ed. Niterói: EdUFF, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MOISÉS, Massaud. A crônica. In: _____. **A criação literária: prosa**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 245-258.

RANZOLIN, Célia Regina. **Clarice Lispector cronista: no Jornal do Brasil (1967-1973)**. 372 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Língua e Literatura Vernácula, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1985.

RONCADOR, Sonia. **Clarice Lispector esconde um objeto gritante: notas sobre um projeto abandonado**. Mulheres e literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 2, 1998. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/volume2/ler.php?id=10>. Acesso em: 7 jun. 2005.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.

